

## **Presença do Sínodo Riograndense entre Populações Não-Germânicas — Aspectos Históricos**

**Osmar Luiz Witt**

### **I. Introdução**

Historicamente o Sínodo Riograndense<sup>1</sup> pautou sua atuação pela presença entre a população de ascendência germânica, formada, em especial, pelos descendentes dos imigrantes alemães que vieram ao Brasil a partir do terceiro decênio do século passado, e fez do empenho pela preservação da fé evangélica e da germanidade a razão de sua existência. Haverá, então, algo a ser dito sobre a presença do Sínodo Riograndense entre populações não-germânicas? Certamente não há muito. Não é sem motivo que desde sempre as comunidades evangélico-luteranas têm sido chamadas de “Igreja dos alemães”. Ainda assim, o pouco que há pode ser ilustrativo para nos aproximarmos da compreensão da realidade presente destas comunidades.

Apresentaremos quatro experiências de presença do protestantismo de imigração entre “populações não-germânicas”. Esta expressão será empregada aqui em referência à população brasileira de origem lusa, afro e indígena. As quatro experiências se deram no âmbito do Sínodo Riograndense, hoje integrado na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), e situam-se no final do século XIX e na primeira década do século XX.

### **II. Tentativas de Ser Igreja além dos Círculos Germânicos**

#### **1. O Pastor Bruno Stysinski em Cruz Alta**

O P. Bruno Stysinski foi um ex-jesuíta polonês convertido ao luteranismo. Veio ao Brasil em 1896, ano em que também recebeu, em Hamburgo Velho (Novo Hamburgo), a ordenação para o ministério pastoral no Sínodo Riograndense. Até 1900 assumiu a direção da escola em São Sebastião do Caí<sup>2</sup>. Entre dezembro de 1898 e janeiro de 1899, atendendo a um convite de alguns brasileiros da cidade de Cruz Alta, onde uma campanha de venda de Bíblias fora como semente lançada

em terra fértil, o P. Stysinski para lá viajou, a fim de realizar um trabalho missionário. Sobre sua atividade ele mesmo relatou: “Preguei em língua portuguesa para ricos e pobres na Câmara Municipal da cidade e nos ranchos de palha e barro dos mulatos e mestiços residentes no campo.”<sup>3</sup>

Em consequência de sua atuação, 60 pessoas adultas converteram-se para a fé evangélica, tendo sido acolhidas na celebração da Santa Ceia. O único semanário local destacava o trabalho do missionário manifestando a opinião de que se o mesmo permanecesse por mais tempo na cidade, certamente “encontraria um grande número de adeptos”<sup>4</sup>. O intendente municipal convidou Stysinski a fixar-se na cidade e ali fundar um Colégio Secundário, para cujo fim a Câmara Municipal se dispunha a oferecer um prédio. Contudo, o missionário não se via em condições de aceitar a oferta:

De coração eu teria sabido apreciar esta gentileza e aproveitar a oportunidade que se oferecia, mas a longa viagem e as quatro semanas de permanência esgotaram minhas economias, de modo que me era impossível cobrir as eventuais despesas de uma mudança e realizar a organização de um internato. (...) é gratificante a evangelização entre os brasileiros, a qual eu sustento como necessária — não apenas para o fortalecimento da nossa Igreja no Brasil, nem somente para a salvação das almas e para a civilização dos brasileiros, mas também para trilhar o caminho da missão entre os índios com mais facilidade e segurança.<sup>5</sup>

Do que se constata nas palavras do P. Stysinski, o maior empecilho para dar prosseguimento ao trabalho iniciado foi a sua própria limitação financeira. É certo que o Sínodo Riograndense, então uma instituição frágil e sem recursos, não estava também em condições de assumir novas tarefas e os pastores que, por vocação e convicção, se dispunham a fazê-lo, tinham de lançar mão de suas próprias economias, como foi o caso do P. Stysinski. Porém não deve ficar fora de análise o fato de que o trabalho entre os brasileiros não era uma prioridade para o Sínodo. Desta forma, o que resultou da experiência em Cruz Alta não repercutiu no sentido de abrir novas perspectivas de atuação missionária. As pessoas convertidas foram confiadas à assistência dos missionários da Igreja Episcopal, que, nesta época, estava se instalando no Rio Grande do Sul.

## 2. A Missão entre os Índios no Rio Grande do Sul

O primeiro estímulo para que o Sínodo Riograndense se abrisse à realidade da presença indígena no Rio Grande do Sul veio de além-mar, da Sociedade Evangélica de Barmen. Em sua revista *Der Deutsche Ansiedler* (“O Colono Alemão”) foi publicada em 1888 uma notícia a respeito da manifestação de um jornal menonita norte-americano, que realçava a existência de mais de um milhão de índios no Brasil que não tinham sido ainda alcançados por nenhum missionário. E concluía indagando: “Quem assume a tarefa?” Além disso, o redator do *Der*

*Deutsche Ansiedler* fazia menção das notícias publicadas por jornais teuto-brasileiros que davam conta da atuação de um bugreiro de nome Joaquim Bueno, o qual, no comando de 70 homens, andava cometendo atrocidades na região do Paranapanema (divisa de Paraná e São Paulo), exterminando aldeias inteiras de 300, 800 e até 5.000 habitantes, através do envenenamento das águas. Diante destas notícias, as comunidades evangélicas no Brasil foram lembradas de que, em relação aos indígenas, elas eram como pessoas ricas frente ao pobre Lázaro que está à porta<sup>6</sup>.

Uma motivação mais significativa para iniciar um trabalho missionário entre os índios veio, mais uma vez, com o P. Stysinski. Na Páscoa de 1900 ele tomou a iniciativa de visitar uma reserva indígena no município de Lagoa Vermelha. Seu relato da viagem apresenta importantes informações sobre o grupo indígena que conheceu, sua história, seus costumes, suas casas, sua alimentação, sua índole, sua língua e sua religião, e também sobre seus procedimentos para aproximar-se deles<sup>7</sup>. O P. Stysinski era filho de seu tempo e, como tal, sua perspectiva em relação aos índios é colonialista, sobretudo sua intenção de levar a “civilização” a eles. Contudo, revela ao mesmo tempo muita simpatia pelo modo de ser dos indígenas, os quais considera “modestos no comportamento, alegres e prestativos, amorosos na vida familiar, aplicados e hábeis no trabalho”<sup>8</sup>. Sobretudo, insiste na necessidade de que a Igreja faça algo em seu favor: “Eles são os verdadeiros brasileiros, os legítimos senhores das terras! Será que nós imigrantes não podemos fazer nada em favor deles?”<sup>9</sup>

Com muito entusiasmo pela missão entre índios Stysinski proferiu uma palestra sobre o assunto na 14<sup>a</sup> Assembléia Sinodal reunida em Lomba Grande, em 1900, fazendo ver aos presentes que “a civilização tomou tudo de nossos índios, os verdadeiros brasileiros e verdadeiros donos das terras, mas não deu absolutamente nada em troca, quando muito lhes impôs algumas cargas”<sup>10</sup>. Na oportunidade também o bispo da Igreja Episcopal, Rev. Kinsolving, dirigiu-se à Assembléia desafiando o Sínodo Riograndense para uma atuação que fosse além dos círculos da etnia germânica, empregando com maior frequência o português como língua de culto. Os desafios surtiram seus efeitos e, em Lomba Grande, foi posto o fundamento para uma missão entre índios<sup>11</sup>. Criou-se, primeiramente, um fundo para angariar recursos para a missão. Além disso, a 15 de dezembro de 1900, a professora Adele Pleitner, da Fundação Evangélica de Hamburgo Velho, assumiu a tarefa de ensinar e desenvolver atividades manuais com as mulheres indígenas em Lagoa Vermelha<sup>12</sup>.

O P. Stysinski também perseverou em seu empenho solicitando uma audiência com o presidente do Estado, o qual não só demonstrou interesse pela causa, mas prometeu remeter uma recomendação pessoal às autoridades municipais de Lagoa Vermelha. “Além disso, ele prometeu, conforme a solicitação do requerente, fundar uma escola no referido Toldo, cujos professores deveriam comprometer-se a instruir os índios para a agricultura e a indústria.”<sup>13</sup> Na época do Natal de

1900 Stysinski realizou uma segunda viagem, desta feita indo visitar os Toldos Nonoai e Serrinha, próximos do Rio Uruguai<sup>14</sup>.

Na 15ª Assembléia Sinodal, no ano de 1901 em Paraíso, tomou-se a decisão de solicitar às Sociedades Missionárias da Europa o envio de um missionário que pudesse assumir integralmente a tarefa. Contudo, todas as tentativas foram em vão até que, em 1903, os missionários Otto von Jutzenka e Curt Haupt puseram-se à disposição do Sínodo Riograndense. Provinham eles da Fundação Evangélica São João de Berlim e, quando de sua chegada ao Brasil, permaneceram em Petrópolis/RJ, atuando como professores a fim de melhor dominar o idioma português. Vieram ao Rio Grande do Sul em março de 1903 e participaram, no mês de maio, da 17ª Assembléia Sinodal em Taquari. Nesta oportunidade o tema da missão entre índios estava outra vez na pauta. Algumas vozes manifestaram a opinião de que a situação não era muito favorável para tal iniciativa, em especial porque havia ainda muitas necessidades a serem supridas nas comunidades formadas por descendentes de alemães<sup>15</sup>. As divergências de opinião quanto à propriedade do momento para começar a missão que se propunha avançar os limites étnicos deixaram sua marca na resolução tomada pela Assembléia:

O Sínodo reconhece a necessidade da missão entre índios, mas, enquanto tal, precisa renunciar a este trabalho. Em oposição a isso, porém, manifesta-se disposto a transferir os recursos financeiros disponíveis para a missão entre índios a um Comitê de Missão que está em formação.<sup>16</sup>

Com base nesta manifestação da Assembléia Sinodal, os missionários Jutzenka e Haupt empreenderam uma viagem de reconhecimento das áreas indígenas no Rio Grande do Sul e no Paraná, em agosto e setembro de 1903<sup>17</sup>, a fim de definir local e meios para iniciarem as atividades.

A situação dos índios no Paraná, comparados aos do Rio Grande do Sul, era, na opinião dos missionários, muito mais desalentadora, miserável e, sobretudo, de difícil acesso, pois que viviam na mata fechada, sem estradas. Além disso, não consideravam os toldos no Paraná como os mais apropriados para começar um trabalho missionário porque os mesmos eram visitados pelos padres de tempos em tempos.

Na Assembléia Sinodal de 1904, em Taquara, os missionários apresentaram um relatório de suas viagens. Como ainda não havia clareza sobre como e onde começar, protelou-se a questão por mais um ano<sup>18</sup>.

No dia 3 de julho de 1904 reuniram-se sete pastores para discutir a continuidade da questão. O pequeno número de interessados na causa parece revelar que a mesma continuava não contando com a adesão do Sínodo. O próprio grupo reunido entendia que era preciso discutir o assunto em círculos mais amplos<sup>19</sup>.

Quando finalmente Jutzenka e Haupt puderam dar início ao seu trabalho no Toldo Serrinha, fizeram outra amarga experiência, que tornou efêmero seu tempo de permanência entre os índios. Mal tinham construído para si uma casinha, o

padre católico instigou os índios contra os dois protestantes, que tiveram de fugir a bem de resguardar sua integridade física. Fixaram-se, então, em Nonoai, onde deram início a uma escola para crianças brasileiras, no intuito de reconstruir uma aproximação com os indígenas. Porém a 1<sup>o</sup> de janeiro de 1905 chegou ali o padre Peters, com a incumbência de tomar nas mãos a catequese dos índios. Instigados pelo padre, os índios expulsaram os dois missionários. Desta forma, a planta da missão entre índios foi cortada quando ainda estava em brotação e o Sínodo não retomou a questão<sup>20</sup>.

### **3. O Pastor Ernst Theodor Lechler em Três Forquilhas (Itati)**

O Pastor Lechler atuou na Paróquia Evangélica de Três Forquilhas (Itati) entre 1898 e 1907. Segundo a opinião de alguns pastores do Sínodo Riograndense, a colônia de Três Forquilhas estava praticamente perdida para a germanidade, pois, em razão de seu isolamento das outras colônias alemãs, os imigrantes e seus descendentes tinham assimilado o modo de ser brasileiro e o idioma português<sup>21</sup>. Na colônia conviviam descendentes de alemães, portugueses, negros e índios. Apesar de seu antecessor, P. G. Schlegtendal, ter se empenhado arduamente para reverter este quadro e restaurar a germanidade da colônia, Lechler parece ter aceito esta realidade e, motivado pelo desafio lançado na Assembléia Sinodal de Lomba Grande, iniciou em sua comunidade a celebração de cultos na língua portuguesa. A este respeito escreveu:

Existem aqui muitos ex-escravos dos alemães, os quais foram batizados evangélicos, mas que até agora não receberam uma assistência poimênica, pois nenhum deles fala alemão; oferecer-lhes algo já era desde há muito meu desejo (...) Assim, realizo atualmente a cada 14 dias, no domingo à tarde, uma prédica brasileira, a qual, até agora, sempre tem sido muito bem freqüentada, talvez até mais do que a alemã.<sup>22</sup>

Além dos cultos em português, Lechler também iniciou um coral de cantores negros, formado por 22 integrantes, os quais estavam muito felizes e orgulhavam-se de poder contar com um padre, tal como os descendentes de alemães.

Partindo de Três Forquilhas, Lechler percorreu também os Campos de Cima da Serra, nas proximidades de Vacaria, no Rio Grande do Sul, e chegou até Criciúma, no sul de Santa Catarina<sup>23</sup>. Nessas viagens, seguindo as pegadas de migrantes teuto-brasileiros e assistindo imigrantes teuto-russos, Lechler marcou sua atuação preocupando-se em officiar cultos em português para congregar também os não-descendentes de alemães, pois os mesmos demonstravam muita receptividade para a pregação evangélica.

#### 4. A Pregação Itinerante e o Contato com os “Brasileiros”

A pregação itinerante foi uma função instituída pelo Sínodo Riograndense para acompanhar a migração de famílias evangélico-luteranas na ocupação de novas fronteiras agrícolas no Planalto e Missões do Rio Grande do Sul. A última década do século XIX e a primeira do século XX assistiram o processo de colonização do Rio Grande do Sul alcançar as regiões norte e noroeste. Em consequência, muitas famílias evangélico-luteranas se dispersaram e, para não ficarem abandonadas em termos de assistência religiosa, foram periodicamente visitadas por um pregador itinerante incumbido pelo Sínodo. A função foi oficialmente criada na 5ª Assembléia Sinodal, reunida em São Sebastião do Caí em 1891. Significou a resposta possível do Sínodo a uma situação histórica criada pelo incremento da imigração européia no final do século XIX e pela ampliação do processo de migração interna das colônias velhas para as colônias novas.

A pregação itinerante representou, sem dúvida, um momento privilegiado de contato de um representante sinodal com populações não-germânicas. Vários pastores exerceram esta função e, de modo geral, fizeram alguma referência aos seus encontros com famílias “brasileiras”. O pastor Max Dedekind assim se manifestou:

Preciso confessar que os brasileiros que encontrei, quando se davam conta de quem eu era, me saudavam e tratavam com a maior amabilidade (...) Várias vezes fui insistentemente solicitado a que, quando passasse outra vez pela região, batizasse também as suas crianças.<sup>24</sup>

Em inúmeras oportunidades as famílias brasileiras abriram as portas de suas casas para hospedar o pregador itinerante em suas andanças e, não raras vezes, solicitaram que o “padre protestante” oficiasse cultos e sacramentos. Havia larga receptividade para a pregação evangélica, conforme o manifestaram vários obreiros:

O brasileiro, que a si mesmo se denominou descendente dos bugres, não demonstrou apenas uma grande simpatia pessoal, mas demonstrou, quando soube do meu posto, grande interesse e compreensão para questões religiosas.<sup>25</sup>

Tivessem os pastores vislumbrado o campo missionário que se oferecia, facilmente poder-se-iam ter formado comunidades não restritas ao grupo étnico germânico. Mas, naquele momento histórico, a preservação da germanidade foi justamente uma das bandeiras desfraldadas pelo Sínodo, e a evangelização dos brasileiros era encarada como uma tarefa árdua para a qual o Sínodo não estaria preparado. A pregação itinerante deveria, pois, ocupar-se com a formação de comunidades evangélicas alemãs para os imigrantes alemães e os migrantes teuto-brasileiros.

### **III. A Negação do Proselitismo e a Afirmação da Exclusividade**

O que se depreende dessas experiências da presença do Sínodo Riograndense entre populações não-germânicas? Creio ser possível afirmar que, em primeiro lugar, as experiências revelam uma tensão latente entre duas tendências presentes no Sínodo. Uma majoritária, que desejava a preservação da germanidade das comunidades evangélicas, e a outra minoritária, que não negava esta preservação, mas percebia o compromisso da Igreja além do círculo étnico. Nos relatórios dos pastores que percorreram a diáspora evangélico-luterana no Rio Grande do Sul percebe-se esta mesma tensão a nível do povo evangélico-luterano. Muitas famílias de ascendência germânica não davam a menor importância à preservação da germanidade, em especial aquelas que viviam longe do alcance do poder de influência do seu grupo étnico. Assim, p. ex., o P. Lechler obrigava-se a pregar em português nas cercanias de Vacaria, pois lá, em meio aos brasileiros lusos, afros e indígenas, as famílias teuto-brasileiras já tinham abdicado do idioma alemão, e também em Três Forquilhas, pois lá viviam famílias negras às quais Lechler não julgava certo fechar as portas do evangelho.

Em segundo lugar, as experiências revelam a tendência predominante no que respeita ao tipo de Igreja que se pretendia ser. A atuação do P. Stysinski em Cruz Alta consistiu na evangelização de brasileiros. Contudo, o Sínodo ficou devendo o passo seguinte, que seria o de acolhê-los em seu seio. A missão entre índios da mesma forma não foi assumida pelo Sínodo como tal, mas confiada a um Comitê Missionário, que, é bem verdade, formou-se de seus quadros. A pregação itinerante esteve em freqüente contato com brasileiros, mas os obreiros não julgavam seu dever acolher os mesmos nas comunidades em formação. Foge a esta tendência o trabalho do P. Lechler, que criou na Comunidade Evangélica de Três Forquilhas espaços para integrar os que não dominavam o idioma alemão. A postura dominante, contudo, era aquela que negava o proselitismo, abrindo-se inclusive à cooperação ecumênica, mas que afirmava a exclusividade étnica do Sínodo. Resumem exemplarmente esta postura duas manifestações de pastores que atuaram na diáspora:

a. Também um sincero coração de brasileiro encontra satisfação somente no evangelho. Como deverá, então, proceder a Igreja Alemã do Evangelho no Rio Grande do Sul em relação a tais corações que vêm a ela cheios de fome e sede da justiça do evangelho? Pode a nossa Igreja Evangélica Alemã do Rio Grande do Sul passar fria e insensivelmente ao lado de tais almas, como o levita da nossa parábola? Não! Pois também os nossos co-cristãos brasileiros são nossos irmãos em Cristo e nós somos uns os membros dos outros. Mas, mesmo assim, sou da opinião de que o Sínodo Riograndense — como Igreja organizada de língua alemã — não tem a vocação de assistir eclesialmente — como Igreja — os brasileiros simpatizantes com a religião evangélica. Esse dever e essa tarefa, entretanto, cabem, nos respectivos casos, a cada pastor do Sínodo Riograndense, mas não porque ele é pastor do referido Sínodo, e

sim, porque é cristão evangélico. O campo de trabalho do nosso Sínodo entre os alemães evangélicos do nosso estado me parece ser tão vasto que deverá exigir todas as forças do Sínodo ainda por muitas décadas e, por ora, o Sínodo como tal, a meu ver, não deve se arriscar a assumir problemas novos e infinitamente tão amplos como é a evangelização dos co-cidadãos brasileiros. Entretanto, cada pastor do Sínodo, naturalmente, dará um gole da água viva que brota de Cristo a todo brasileiro que pedir por isso.<sup>26</sup>

b. Enquanto eu puder levarei, a qualquer tempo, a palavra de Deus e os sacramentos de Cristo aos brasileiros. Porém, infelizmente, posso lhes oferecer apenas migalhas. Melhor seria que a Igreja Episcopal também contratasse um pastor para a diáspora. Na serra ele poderia trabalhar ricamente abençoado.<sup>27</sup>

Esta postura cautelosa e receosa de assumir tarefas para as quais julgava-se não ter as forças necessárias contribuiu para a formação de comunidades etnicamente caracterizadas. Assim, entende-se por que em muitas comunidades que hoje integram a IECLB e que são herdeiras desse passado encontra-se ainda uma tendência a confundir identidade étnica e eclesial. Também aqui percebemos que o presente foi gerado no ventre da história.

## Notas

- 1 Sobre a história do Sínodo Riograndense veja: Joachim FISCHER & Christoph JAHN, *Es begann am Rio dos Sinos; Geschichte und Gegenwart der Ev. Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*, Verlag der Ev.-Lutherischen Mission Erlangen, 1970, e Martin N. DREHER, *Igreja e Germanidade; Estudo Crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*, Porto Alegre, EST São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Editora da UCS; São Leopoldo, Sinodal, 1984.
- 2 Cf. Max DEDEKIND, *Verzeichnis der deutschen evangelischen Pfarrer in Südamerika von 1823 bis 1. April 1937; zur Hundertjahrfeier der "Evangelischen Gesellschaft"*, Barmen, Westdeutsche Druckerei, 1937, p. 28, e Fritz SCHÜTZ, *Deutsche Evangelische Gemeinde Montenegro; Festschrift 1864-1906-1931*, São Leopoldo, Rotermond, 1931, p. 11-2.
- 3 Bruno STYSINSKI, *Indianer-Mission im Staate Rio Grande do Sul*, *Der Deutsche Ansiedler*, 38:85, nov. 1900.
- 4 ID., *ibid.*
- 5 *Ibid.*
- 6 *Mission unter den Indianern Brasiliens*, *Der Deutsche Ansiedler*, 26:56, jul. 1888.
- 7 Bruno STYSINSKI, *op. cit.*, p. 85-8.
- 8 ID., *ibid.*, p. 87.
- 9 *Ibid.*, p. 88.
- 10 *Mission der Evangelischen Kirche in Rio Grande do Sul*, *Sonntagsblatt*, 13(52):207, 24.06.1900.
- 11 *Ibid.*
- 12 *Aus Kirche und Schule*, *Sonntagsblatt*, 14(28):111, 06.01.1901.

- 13 Aus Kirche und Schule, *Sonntagsblatt*, 14(14):55, 30.09.1900.
- 14 Die Indianerdörfer bei Nonohay, *Sonntagsblatt*, 14(31):121, 27.01.1901.
- 15 XVII. Synodal-Versammlung, *Sonntagsblatt*, 16(50):198, 14.06.1903.
- 16 XVII. Synodal-Versammlung, *Sonntagsblatt*, 16(51):201, 21.06.1903.
- 17 Indianer-Mission in Süd-Brasilien, *Der Deutsche Ansiedler*, 42:18-21, mar. 1904.
- 18 Cf. Ferdinand SCHRÖDER, *Brasilien und Wittenberg*, p. 250.
- 19 Die Indianer-Mission, *Sonntagsblatt*, 15(3):10-1, 21.07.1904.
- 20 Die Indianermission in Rio Grande, *Der Deutsche Ansiedler*, 43:55, jul. 1905.
- 21 F. PECHMANN, Bericht über die Arbeit im Ostbezirk, *Sonntagsblatt*, 28(24):95, 14.06.1914; G. SCHLEGTENDAL, Deutsche Evangelisationsarbeit unter Brasilianern, *Der Deutsche Ansiedler*, 39:43, jun. 1901.
- 22 Cf. Bericht aus Tres Forquilhas, *Der Deutsche Ansiedler*, 39:54, jul. 1901.
- 23 Veja: Evangelisation unter den Brasilianern, *Der Deutsche Ansiedler*, 42:8, jan. 1904, e Bericht aus Tres Forquilhas, *Der Deutsche Ansiedler*, 39:53, jul. 1901.
- 24 Max DEDEKIND, Vom Diasporapfarrer, *Sonntagsblatt*, 17(13):50, 27.09.1903. Veja também: P. W. L. SUDHAUS, Umschau im Westen, *Sonntagsblatt*, 13(47):186, 20.05.1900; Max DEDEKIND, Vom Diasporapfarrer, *Sonntagsblatt*, 17(35):138, 28.02.1904; ID., Reisen unseres Diasporapfarrers im Nordwesten von Rio Grande do Sul, *Der Deutsche Ansiedler*, 42:12, fev. 1904; Wilhelm OSTERKAMP, Aus der Diaspora, *Sonntagsblatt*, 18(34):133, 19.02.1905; Bruno STYSINSKI, Bericht eines Diasporapfarrers, *Sonntagsblatt*, 19(15):57, 08.10.1905; Wilhelm Otto ARNOLD, Auf Predigtreisen durch Camp und Wald, *Sonntagsblatt*, 22(33):129, 16.08.1908 e 22(39):153, 27.09.1908.
- 25 P. SUDHAUS, Umschau im Westen, *Sonntagsblatt*, 13(47):186, 20.05.1900.
- 26 Wilhelm OSTERKAMP, Aus dem Diasporabezirk Germania, *Sonntagsblatt*, 19(36):143, 04.03.1906.
- 27 Max DEDEKIND, Vom Diasporapfarrer, *Sonntagsblatt*, 17(13):50, 27.09.1903.

Osmar Luiz Witt  
Caixa Postal 14  
Escola Superior de Teologia  
93001-970 São Leopoldo — RS